



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 22 de Agosto de 1981 * Ano XXXVIII — N.º 977 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

TRIBUNA de COIMBRA

□ Ontem, na Praia de Mira, uma rede dos pescadores trouxe uma criança embrulhada num saco que foi de adubo. Uma criança de 8 meses que foi morta e atirada ao mar.

Hoje, quando cheguei, havia indignação geral. Os nossos cinquenta que agora estão na praia, também sabiam da notícia a público e com grandes acusações à mãe, grande criminosa. Chamavam-lhe «mãe desnaturada» e outros nomes mais. Mais tarde disseram-nos que a criança era filha duma mulher cujo marido é emigrante já há tempos e não tem ligado à família.

Hoje também apareceu, a rodear a nossa Casa, a mãe de dois dos mais pequenitos que cá temos; desconfiada e por detrás dos arbustos e das paredes. Pegou nos dois ao colo e deu-lhes muitos beijos. Com ela, que durante muitos anos foi uma escrava para criar oito filhos, vinha um grupo de mulheres que se dedicam à mesma vida: prostituição nas estradas. Vinha, também, um homem que deve ser o chefe

e o patrão-negociante do grupo. Já é costume, de tempos a tempos, aparecerem. Sempre a horas pouco normais e sempre meio escondidos.

□ Dois acontecimentos. Dois casos com muitas semelhanças. Duas chagas sociais que ferem a vida dos nossos dias. Não nos perguntem qual das chagas é a que dói mais. Não nos perguntem qual das mulheres ou qual dos homens é mais culpado. A sociedade culpa sempre a mulher-mãe. E o homem que gerou? E o homem que abandonou? E o homem que explora o negócio?

Que grande diferença há em matar com oito meses ou matar com menos tempo? O que será o aborto e o divórcio que alguns querem que sejam legais? Que culpa tem a criança a quem tiram ou a quem negam a vida?

Oíço as suas vozes que não se fazem ouvir. Oíço as vozes das crianças que gritam, mas os pais montaram outro negócio e não as querem ouvir!

Padre Horácio

PROBLEMAS SOCIAIS

Ainda a propósito das palavras do Provedor da Misericórdia de Lisboa em recente celebração aniversária da Santa Casa, retomo o pensamento dos problemas que se complicam porque não são detidos a montante uns que vão produzir outros a jusante.

No que respeita à Juventude, nomeadamente a estudantil, quanto de mau aproveitamento escolar se não deve à indisciplina que deixaram instalar e ainda não foi de todo banida e ao funcionamento irregular das Escolas. O ano lectivo deveria começar no dia marcado com horários estabelecidos, com professores colocados, com programas exequíveis. Que importa multiplicar Escolas, abrir o leque de cursos e criar no papel áreas de ensino para as quais não há capacidade de docência? São períodos inteiros sem esta e aquela e aquela outra disciplina para as quais não há professor; são horários cortados por estas clareiras, mais pelas faltas fortuitas mas, por vezes, demasiado frequentes, dos professores; é a permissividade no sair da Escola nestes tempos vazios para uma deambulação de que muita vez se não regressa a horas da aula seguinte, que até foi dada... — em suma: uma série de «cascas de banana» em que é tão fácil escorregar, sobretudo gente nova que deveria ser formada na

austeridade, no sentido de responsabilidade pessoal e social e assim não é. E os anos passam; e os anos perdem-se; e as Escolas cada vez mais saturadas de uma população que não flui como devia; e o desperdício de milhões de contos que o Povo tem de pagar.

Relativamente aos nossos estudantes somos bastante exigentes no seu aproveitamento escolar, também por causa deste custo que cada um representa no orçamento do País, o qual, sem retribuição, é para nós fonte de escrúpulo. Fala-se tanto em socialismo — mas onde a consciência social sadia, fecunda, a principiar nos próprios Responsáveis?

Tudo isto é deseducativo e gera problemas que se poderiam evitar ou diminuir.

E se nos voltamos para «o mau aproveitamento que alguns jovens dão aos seus tempos livres» — que rasteira não são «os meios saturados que os arrastam para todos os vícios que hoje constituem o flagelo da sociedade»? Ora, quem prega a rasteira? Quem licencia as casas de «máquinas americanas» que, muito farisaicamente não são permitidas a 300 metros de uma Escola, mas já são legais a 350 metros? Que interesses (e de quem?) andam por trás destes negócios? Serão eles que vão salvar a nossa Economia?! E se fossem, por

que preço o seriam! E os cinemas, tantos, sobretudo os de programação mais ignóbil, em **matinées** contínuas! E os **punk** e as discotecas em proliferação constante! Será que o dia não é o tempo normal de ocupação para toda a gente válida, por isso mesmo obrigada a valer, quer em acto, quer no desenvolvimento das suas potencialidades para o futuro? Como, então, se encontram, na verdade, «saturados, esses meios que arrastam para todos os vícios», ao longo de cada dia? Quem responde e em nome de que valores, por toda esta licenciosidade? Será a Juventude a transviada na origem? Ou não será ela a vítima de tantos interesses transviados em circulação livre? Preocupar-se-ia o Provedor da Misericórdia de Lisboa em «contribuir para afastar a nova geração» destes meios, se, pura e simplesmente, eles não existissem?

Há tempo, numa terra de província, um agente da P. S. P. levou à Autoridade superior um garoto de 13 anos portador de literatura obscena. E que fez ele ao homem da loja que a tinha e lhe vendeu? — perguntarão muito razoavelmente os leitores. Esse ficou no seu lugar a vender mais...

De vez em quando fazem-se uma espécie de rusgas a casas e vendedores ambulantes dessa mercadoria — lemos nos jornais. Mas todos os dias, em lugares certos e centrais, a coisa está exposta nos passeios ou nos escaparates dos quiosques, a aliciar quem passa... Ninguém verá?!

Que falsa é a sociedade que a Juventude conhece ao abrir os olhos para a vida! Quando, em tempo de Festas, vamos a Paços de Ferreira ou a Custóias (sobretudo aqui!), quanto nos dói olhar aquela assembleia em que predominam os jovens! Eles estão ali por uma falta, é certo. Mas quantos culpados antecedentes à culpa da maior parte destes mais mereceriam estar ali em vez deles — e não estão.

É falsa a sociedade que consentimos e por isso injusta e cansada de tantos problemas não previstos que eram bem fáceis de prever e de evitar. Agora há que remediá-los. E o tempo que nos é dado é sempre

A Família reunida à volta de Pai Américo

N. R. — Como Ernesto Pinto e Cândido Pereira não chegaram a tempo para a última edição e porque as notícias não ficam deslocadas no tempo — aí vão para delícia dos nossos Leitores:

PAÇO DE SOUSA — Tendo como motivo principal lembrar o 25.º aniversário da passagem de Pai Américo para a outra Vida, os antigos gaiatos estive-

Cont. na 3.ª página

Cont. na 3.ª página



Naqueles dias de Julho, nossa Aldeia de Paço de Sousa regurgitava d'alegria, num convívio da Família da Obra da Rua.

PELAS CASAS DO GAIATO

Praia de Mira

A nossa Casa da Praia de Mira reentrou em funcionamento no dia 20 de Julho com o primeiro turno, dos mais pequeninos.

Entretanto, já o segundo gozou as suas desejadas férias e as do terceiro e último turno estão prestes a terminar. Depois emprestamos a casa a outras crianças.

Como vem sendo tradição, o segundo turno viu-se na necessidade de interromper uns belos dias de praia a fim de se deslocar a Miranda do Corvo para a colheita da batata, infelizmente pouco satisfatória, mas que satisfaz completamente as saudades do trabalho.

Oreio que todos procurámos aproveitar da melhor forma os dias de praia.

Uns dedicaram-se à categoria de «crocodilo», deitados na areia, apanhando banhos de sol; enquanto outros dedicaram grande parte do tempo em movimento, fazendo castelos na areia, jogando à bola e apanhando banhos de mar; e ainda outros dedicavam igualmente o tempo à leitura dos «mosquitos» (livros de cowboys).

O mar tem estado geralmente bom, não correspondendo tão bem o estado do tempo que, se não garantia um banho no mar, levava-nos a dar uma volta pela vila, que terminava na barrinha com o banho.

Também alguns, de vez em quando, iam à Lenticheira matar saudades, pois não se vive sem comer...

Como em anos anteriores, mais uma vez os pescadores, nossos amigos, ofereceram peixe fresquinho, com o qual nos satisfizemos no campo da alimentação. A estes Amigos desejamos muita sorte no seu duro trabalho que, conjuntamente, procuram realizar com alegria.

Os caracóis, as bolas, a areia, o mar... foram grandes motivos de brincadeira; o jardim, os vasos e o tanque dos peixes foram também motivo de beleza ornamental em nossa Casa.

A todos os nossos leitores que ainda se encontram em férias, ou ainda não, desejamos que as passem da melhor maneira, de modo que se sintam bem.

Carlitos

Setúbal

BAPTISMO E PRIMEIRA COMUNHÃO — Eu não sei bem dizer desta alegria, desta unidade interior que a Fé nos dita e nos faz participantes.

Vinte e nove fizeram a sua primeira Comunhão. Cinco receberam o Baptismo. O que diria Pai Américo deste grupo, da alegria e júbilo sentidos no interior de todos os participantes!? Ele que dizia: «...Senhor, eles são mais Teus do que meus». E são. Nós sentimo-lo bem. O Pai do Céu é de todos, mas os mais humildes são a Sua predilecção. E quem são estes, a quem Ele desceu mais eficazmente? Deles que estão na idade da tropa e que só a dedi-

cação e sacrifício dum grupo de catequistas conseguiu prepará-los ao longo de um ano de esforço.

«Fazer de cada rapaz um homem» é missão das Casas do Gaiato. Se esse homem fosse só o corpo, seria fácil fazer *armazém*; mas Pai Américo tratando do corpo, quer acima de tudo cuidar das almas. Por isso, somos um santuário de almas. Por isso, os que suportam a canga em nossas Casas se preocupam em cuidar delas, numa ânsia de pai que procura o melhor para os filhos.

Hoje foi dia grande em nossa comunidade. A Capela serviu de abrigo para que todos nós sentíssemos a brasa da Fé em nossos corações.

PRAIA — Um grupo deles está na praia, que abre o apetite. É um constante vai-vem de transporte de coisas pràs panelas. Outro grupo seguirá depois. Tanta coisa que precisamos para que eles sejam bem tratados!

CONGRESSO EUCARÍSTICO — O Rodrigues foi a Lourdes a um Congresso Eucarístico. O nosso Bispo não esqueceu os gaiatos e foi escolhido o Rodrigues. É uma prova de confiança. Acreditamos na correspondência dele...

EDMUNDO — Falei dele quando entrou. Digo, agora, que já não é o mesmo. Conseguiu ambientar-se. Passou de classe. Entrou com os outros no mundo da nossa Casa.

Tudo muito normal, até que noutro dia aparece o pai mal-da-madrasta prò vir buscar.

«Eu mato-me se você não aceitar o meu filho» — disse o pai quando veio pedir prò filho ficar.

Agora vinha por ele. Sr. P.e Acílio não estava e o Elói mais eu ficámos de «policías» não fosse este pai «rubar-nos» o seu filho.

«Nós podíamos tê-lo, mas o pai não tem juízo» — diz a madrastra. Ele não tem e não deixa que o filho tenha. O álcool não consente que ele procure a educação do filho. Desta vez foi. Sr. P.e Acílio veio e teve que se zangar p'ra que fosse embora sem o filho. Mas ele tem direito — dirá a lei. E o filho não tem direito a desenvolver-se como deve ser? Já que a sociedade não teve meios para educar o pai, vamos permitir que o filho siga o mesmo caminho? Onde está a lei da Razão? E se amanhã o Raimundo for arrastado de novo prà vida da rua, quem

responde por isso? A irresponsabilidade do pai ou a irresponsabilidade dos homens que fazem leis? O pai não tem remédio prò ter. As Casas do Gaiato têm esse remédio! Porque não uma lei que nos dê a tutela? Tantos que se têm perdido por via disto! Quem é capaz de pôr ao léu, para se cumprirem, os direitos da Criança abandonada? Quem há para aí que possa e saiba doer-se com este problema que tão amargo é p'ra nós, por via da perdição deles? Quem responde por estes Edmundo?

NOVO PADEIRO — Enquanto uns saboreiam as suas férias na Arrábida, outros fazem as lidas da casa. O Alberto, novo padeiro, não tem mãos a medir: Ele é pão prà praia, pròs que trabalham nas oficinas e pròs da quinta. Um ror de farinha, um ror de dinheiro, canseiras com que se debate o Alberto mal-lo sr. Padre Acílio que anda por lá de sacola na mão, para que eles não andem na pedincha como dantes.

Ernesto Pinto

MIRANDA DO CORVO

FÉRIAS GRANDES — Como sempre, as férias grandes abrem-nos as portas no fim do ano lectivo; dão-nos descanso, mais união em família, maior concentração na vida, podendo ver o que foi errado e o que se pode emendar.

Pois bem: estamos nas férias grandes; é quando os trabalhos se fazem com mais calma e mais rápidos. Assim a nossa agricultura está primeiro, no topo da *reforma*, digamos que é «reforma agrária» de que agora se fala muito e se faz tão pouco por esse Portugal fora. Ponho a nossa «reforma agrária» em linha de ponta porque é o que mais agita os nossos ossos, nervos e, enfim, põe altinhos nas mãos para que fiquem duros.

Começamos por cortar os ramos secos dos citrínos. Outras e outras árvores foram regadas em abundância para os frutos crescerem e amadurecerem, incluindo as ameixeiras que nos dão, todos os anos, belas ameixas, onde o «Careca» tinha medo de subir para as apanhar.

O nosso milheiro já está embandeirado e sorridente, mas foi preciso regá-lo constantemente.

Os feijoeiros, também grandes e lindos, regalam-se com as regas e vamos retirando os seus inimigos: ervas e piolhos; e as abóboras também crescem, igualmente regadas. As videiras dão trabalho e preocupação: retiram-se as ervas, aconchega-se-lhes um pouco de terra, deita-se remédio e tudo se faz; todos *reformam* — do mais pequeno ao maior; todos se inclinam no amanho da agricultura, desde o arrancar da erva daninha até à recolha do fruto. Ai daquele que semeia e nunca mais quer saber da semente; e não a trata, não lhe dá carinho, não se preocupa! Nunca receberá em troca o seu fruto.

As batatas já foram arrancadas com esperança de boa colheita, mas não houve sorte. Semeámos mais do que nos anos anteriores e recolhemos menos. Porquê? Apenas a Natureza sabe o porquê da seca, o por-

quê da grande vaga de calor. A Natureza dá de si e nós, aqui em Casa, aproveitamos o melhor possível.

INCÊNDIOS — Se formos por esse mundo fora o que encontramos? O que vamos?... A destruição da Natureza; sim, o egoísmo, a violência. Para quê?

Quantas e quantas interrogações podemos fazer, meditando, a ver o que acontece neste mundo de incêndios! Não é por causa de assar sardinhas que se põe um fogo...

Pela nossa zona tem havido muitos incêndios. Vou contar um que não foi posto, mas trouxe graves consequências:

Começou por arder uma automotora que caminhava para Coimbra. Desfez-se em chamas, queimando tudo o que encontrava, pondo em perigo as populações; e chegou à nossa zona, onde tudo se afligia, até nós, gaiatos. Telefonaram para nossa Casa pedindo ajuda. Então o chefe chama os mais capazes e preparam material, incluindo baldes, que os mais pequeninos não queriam deixar, pois também desejavam ir apagar o fogo, porque andavam a regar os jardins! Lá foram os maiores para o Carapinhão. O Tonito não foi, para cozer o pão e olhar pelos mais pequenos, tristes, por fazerem nada:

— Não vão trabalhar?!

— Não; tiraram-nos os baldes...

E ficaram a olhar o fumo que cobria o céu, onde nem o sol era capaz de penetrar!

O fogo apagou-se no Carapinhão, mas noutro sítio já tinha devastado a maior parte da floresta. Os nossos pinhais arderam, só um ficou. Depois fomos para o Olival Salgueiro; outra habitação em perigo, ao pé de uma das nossas terras, onde temos a maior parte da nossa vinha, fruta e oliveiras. Ai estivemos nós, com os vizinhos e tropas de Coimbra, pois já estavam a arder barracões de armazéns, palheiros, currais, habitações em perigo. A nossa Casa, a população dos Bujos, Bairro Novo, etc., estariam em perigo se as pessoas não ajudassem os Bomeiros, porque os da Louçã afligiam-se com outros fogos, assim como os Bombeiros de Arganil e Poiares. Em Poiares apanharam um incendiário.

Não há dúvida que os fogos também são postos por mãos e olhos de destruição!...

Guido

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● A moradia para a família desfeita pelas fraquezas do seu responsável, que anda por lá, cresce aos fins-de-semana, nos tempos livres — como é vulgar na Auto-construção.

Fica situada no extremo de um pequeno planalto, com vinhas e milheirais de um lado, pinheiros e eucaliptos do outro — riquezas da mãe-terra.

Ali, é como se estivéssemos no céu! Não há trânsito, não há bulício, que o estreito caminho é parti-

cular e acaba ali. Estamos fora do mundo; noutro mundo em que as Belezas de Deus imperam: do chilrear dos passarinhos, suave caminhar dos regatos, ao zumbido do vento na copa das árvores.

Agora as crianças sorriem! Como será, um dia próximo, quando estiverem em sua casa, afagadas pelo carinho da mãe que se desdobra para as criar?! Em seus rostos sujos pela poeira do monte, já estampam a alegria da Justiça — pois são as que mais sofrem.

Além do custo da moradia — que sobe a cargo dos nossos leitores — deixamos àquela família cinco notas por mês, a fim de que tenham na mesa o mínimo indispensável, duas ou três vezes por dia.

Foi serrada a madeira para a armagem do telhado. E encomendámos uma laje de betão para o tecto, onde assim é possível arrumar o que as boas donas de casa, do meio rural, governam ao longo do ano. A mulher suspira d'alegria: — «Ah que bom! Que coisa boa!...»

PARTILHA — Sr. Padre Telmo dá a notícia com alegria:

— Uma senhora, muito discreta, aborda-nos p'ra fazer contas. Puxa da bolsa por uma nota, outra, mais outra... Eu a supor que seria só para O GAIATO...! «Não senhor. Isto é para os vicentinos construírem a casa daquela mulher cuja notícia li no vosso jornal».

Durante a quinzena pagámos facturas da laje de tecto, areia, cimento, serração, transportes. Nem vale a pena dizer quanto. Hoje, levantar uma moradia, é mexer com milhares e milhares!

As condições da pobre família, mais a necessidade de resolvermos o problema, fazem brotar o investimento — pela mão de Deus — no coração dos leitores. É um acto de fé. Di-lo, implicitamente, um Amigo d'alguém com «pequena ajuda», exigindo, porém, «que não haja qualquer referência a este facto». Só Deus sabe e regista no Livro da Vida. Esta foi, sempre, a procissão dos Anónimos...

Mais um cheque de Mação «para um tijolo na casa daquela mulher separada do marido...» E mais 1.000\$ «com todo o amor e carinho e boa vontade para a mais premente necessidade da Conferência — de uma avó e mãe extremosa que pede perdão pela insignificância».

São legendas que brotam da alma. Por isso mesmo arrastam outras almas num elo de fraternidade e solidariedade cristãs.

Ouçamos, por fim, presença muito certa — e sempre com Mensagem — de Vila Nova de Gaia:

«Junto um cheque para a Conferência. Ouso pedir uma oração ao Céu para que o desânimo nunca invada a nossa pobreza humana, mas que uma grande fé vivida nos anime a pedir a Deus com muita insistência as Suas graças, que nos levem a recomençar se necessário, e que não nos deixarem ficar pelo caminho e nos darão a vitória final.»

Um Homem de Fé!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



É a Liliana, filha do João Maciel.

Cont. da 1.ª página

ram reunidos em nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Não tínhamos vivido ainda uma experiência tão maravilhosa como aquele encontro de 17 a 19 de Julho! Tudo começou junto do Cinema Monumental, em Lisboa, quando os elementos que constituíram a caravana lisboeta se começaram a encontrar. Ali foram os primeiros abraços de irmãos que há muito se não viam. Foi também o primeiro contacto com os familiares que não conhecíamos. Foi, enfim, o primeiro recordar.

Já instalados no autocarro que nos levaria a Paço de Sousa, lançámos convite ao nosso motorista a integrar-se no seio daquela Família, que ele aceitou e pouco depois teve oportunidade de o confirmar. Por tudo: pela alegria que imediatamente reinou, pela boa disposição que todos fizeram questão de manifestar e, sobretudo, pela amizade entre todos e por todos testemunhada. Estava, por assim dizer, dado o primeiro passo para que tudo viesse a correr às mil maravilhas. Houve cantores, poetas e tocadores. Houve, também — esperando contrariar (sem o conseguir o nosso optimismo) — uma bicha enorme, nos arredores de Agueda, que nos atrasou a chegada em cerca de 5 horas. No entanto, os nossos anfitriões não arredaram pé, não tiveram sono e às 2 h da madrugada éramos recebidos em apoteose. Naquela preciso momento deu-se a segunda manifestação do espírito com que sonhámos quando, tempos antes, resolveramos realizar este encontro naquele lugar. E então foram novos abraços, eram outros irmãos, outra dimensão. Nem mesmo a madrugada evitou que as lágrimas fossem notadas nos rostos dos que estavam e principalmente dos que chegavam.

Tudo estava preparado e cada um seguiu para o ninho que outrora fora o seu.

Não teria havido necessidade do toque da cabra porque a ânsia do contacto com a nossa Aldeia era muito superior à necessidade física de descansar. Por isso, logo que o sol nasceu já veio encontrar a maior parte à espera dele...

O primeiro pequeno-almoço foi servido e teve que ser rápido porque o anunciado encontro de futebol entre antigos e

A Família reunida à volta de PAI AMÉRICO



actuais gaiatos não podia sofrer atrasos... E não sofreu! Todos os nossos leitores e principalmente aqueles que vivem de muito perto todas as vicissitudes das nossas Casas do Gaiato, imaginam o que poderá ter sido este desafio de futebol... É certo que perdemos por 5 a 2, mas não era, com verdade, o resultado que interessava. Confraternizar, brincar, divertir — isso sim. E depois do futebol encaminhámo-nos para a piscina onde o corpo foi limpo da poeira e nos preparámos para o almoço que iria decorrer em volta da antiga casa dos teares, hoje sala de troféus e bar da malta graúda. Nessa altura já éramos cerca de 500 pessoas e a ordem, a disciplina, a aceitação em alegria do ter de esperar a sua vez foram largamente compensadas pelo maravilhoso almoço que pessoas também maravilhosas nos serviam. No fim, para que os que serviram fossem também servidos, houve a ajuda necessária para que tudo continuasse a correr bem. Uns lavavam, outros secavam, outros arrumavam. Tudo feito com muita alegria, com muito entusiasmo, com muito amor.

Foi, depois, altura de nos dirigirmos em vários grupos, uns por aqui, outros por ali, em visita à nossa Aldeia para recordar tempos, factos (uns menos bons que outros), histórias, malandrices, etc. E foi bom ouvir o «Lua», António Carpinheiro, Daniel, «Trofa», «Areosa», Manuel Pinto e tantos outros com o seu desfilar de boas recordações.

— «Aqui foi o nosso primeiro campo de futebol» — dizia o Amadeu Fino, decerto a lembrar-se dos bons momentos que nos proporcionou quando éramos criança; ele que foi um dos grandes jogadores da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

E ríamos sobre coisas que fizemos... E reflectíamos sobre outras coisas que naquele momento e naquele lugar verificámos que deveríamos ter feito de outra maneira. Tiraram-se fotografias, bebeu-se água da Fonte de S. João, recordou-se a D. Sara... Foi o Alfredo; o «Fala-grossa» — como Pai Américo o tratava e nós também — que recordou a preocupação que sempre teve, em toda a sua vida, para que ninguém fosse para a cama com os pés sujos... a cara suja... o corpo sujo. D. Sara ficou muito vincada em nossas vidas.

Neste sábado, estava programado um encontro com a comunidade, para debatermos o tema «O trabalho na vida dos nossos rapazes», do qual se falou mas não se debateu. Por várias razões, a principal das quais foi o facto de não nos termos reunido no salão de festas devido ao calor que se fazia sentir.

Sr. Padre Carlos abriu uma

pequena série de palavras e disse do significado da nossa presença e da alegria imensa do nosso estar. O Eurico, o Quim carpinteiro e o «Peixeira» falaram também sobre muitas coisas que interessam aos nossos rapazes; e alertá-los para uma experiência de vida que devem possuir para que ao entrarem verdadeiramente nela não vão esbarrar, por falta de conselhos que consideramos. No fim, tivemos o nosso momento de oração muito simples, mas de uma riqueza espiritual muito grande: o nosso Tergo. Um belo momento que ao longo de muitos anos nos marcou profundamente e do qual Pai Américo se servia para fazer um dos actos comunitários de maior expressividade. Padre Telmo finalizou o momento de oração recordando precisamente a importância que Pai Américo sempre deu a este estar em presença do Pai do Céu. De seguida, convidou todos para o jantar. E todos foram. E o que se verificara ao almoço verificou-se também ao jantar. Agora já éramos mais. Os que trabalharam de manhã estiveram connosco naquele momento. Segundo os cálculos, o número subiu para cerca de 700. Não dizemos isto por uma questão de vaidade; dizemo-lo porque é importante para uma Família como a nossa. Os filhos à volta do Pai que foi Américo e da Mãe Obra da Rua. Assim os queremos. Assim os amamos.

O Conjunto que ao longo de vários dias abrihantou as Festas por essas terras do Norte do País, quis obsequiar-nos com a alegria da sua música e conseguiu-o com pleno êxito. Padre Abel, com a sua bonita voz, deliciou-nos com belas canções e muita alegria. Cantou-se até às tantas. Ninguém estava cansado e quando foi anunciado que era a última ouviu-se o primeiro murmúrio de desaprovação... Mas o dia seguinte era muito importante e fomos todos para vale de lençóis.

A celebração da Eucaristia foi, sem dúvida, o acto central do nosso encontro. Para a maioria dos nossos rapazes até um reencontro com Aquele que é a razão de ser da Obra da Rua. Não temos dúvidas em afirmá-lo, porquanto muitas vezes temos auscultado, em alguns deles, a quase inexistência de Deus em suas vidas. Mas também não nos falta a esperança de que este encontro irá fortalecer um pouco a fé desfalecida. É impossível que isto não aconteça. A riqueza do acto foi demasiado grande para que os nossos rapazes não tenham colhido dele o necessário conforto espiritual. Cinco dos nossos Padres concelebraram. O Conjunto deu-lhe brilho com cânticos (quase) especiais. O Evangelho, de há dois mil anos, foi mesmo daquele dia e Padre Carlos demonstrou-o plenamen-

te a todos os presentes numa homilia que nos levou a reflectir e a recordar muitas outras de tempos não muito distantes. Pai Américo foi um homem de Deus para inspirar naqueles que o continuam (os Padres da Rua) um tal sentimento de Fé, de Esperança e de Amor. Não somos nós apenas que o testemunhamos, mas muitos outros que após a celebração — e a propósito — nos manifestaram o seu contentamento. A festa continuou dando razão de que a Comunhão é uma festa constante e comunicativa. Só assim se poderá compreender e aceitar todos os actos da nossa Fé.

O pequeno-almoço e o almoço de domingo quase foram um só pelo espaço que os separou! Teve que assim ser devido ao facto da embaixada lisboeta ter de regressar cedo por compromisso do motorista do autocarro. Mas não seria justo deixar de falar deste almoço que antecedeu a nossa despedida. A manhã trouxe até nós, muitos mais antigos gaiatos. Foram servidas cerca de mil refeições sem atropelos, sem azedumes, sem aborrecimentos. Tudo na melhor ordem e em alegria. Cabe, até, neste momento, dizer uma palavra simples mas muito amiga, à equipa que o preparou — da responsabilidade do António dos Anjos — e serviu toda aquela multidão. Foram inextinguíveis, incansáveis, simpáticos, generosos. Um grande abraço para ti António e para a tua equipa. Um, também grande, para Quim carpinteiro, Serafim, Carlitos, Vasco e Fernando Dias. Vós tivestes parte no êxito que foi este encontro de Família autêntica. Não vão ficar todos os outros — que também trabalharam — esquecidos, porque os levamos de regresso em nosso coração.

Vai também um agradecimento a Viagens Nascimento, na pessoa do sr. Diesel, que nos proporcionaram um preço especial na deslocação a Paço de Sousa. E bem hajam todos aqueles que de muitas e variadas formas contribuíram para esta jornada da Família de antigos e actuais gaiatos.

O tempo não perdoava e a hora da despedida foi-se aproximando. Foi o delírio! Impossível conter aquilo que há muito queria brotar dos nossos olhos. Padre Abel foi «culpado» quando o Conjunto e ele entoaram a canção de despedida e, avenida abaixo, até o autocarro, foi um nunca acabar de abraços, de promessas de voltar e de planos para outros encontros. E todos participaram. Eram muitos que agora queria lembrar, mas que a memória já não ajuda... Vimos o «Avozinha», «Fominhas», «Fozcoax», «Russo da Cozinha», «Alicate», «Palhaço», Zé Eduardo, «Carequitas», Crisanto, Octávio, Carlos Manuel, «Martelo»,

Abel, «Coco», «Eiga», «Pisco», Manuel Pinto, Júlio Mendes, Bernardino, Resende, Zé Lemos, «Trofa»; enfim, um nunca acabar de filhos, netos e até a notícia de um bisneto filho do António Carpinheiro.

Finalmente o regresso. Autocarro em marcha e só depois de nos perdermos de vista os olhos secaram.

Até Miranda do Corvo, em 1982. Há comissões constituídas. Isto não pode acabar! Não podemos perder o contacto com a Obra, que se mais não nos deu é porque mais não tinha para dar. Estejam atentos ao convite que vai ser lançado. Leiam o «Famoso». Em breve teremos notícias; e é, de facto, um até breve.

Cândido



SETÚBAL — Os 25 anos de Vida de Pai Américo foram dia grande em nossa Casa. Diria o maior. Eles tomaram a iniciativa. Comunicaram uns aos outros e organizaram um convívio. Tudo gerado por eles. Que diria Pai Américo se a sua presença física estivesse?! Ele encheria todas as colunas de O GALATO e, melhor do que nós, exteriorizaria a sua alegria. Mas ele esteve bem presente: desde a Capela ao refeitório, do salão à piscina, percorreu tudo e acompanhou todos. Tudo tão simples, tão espontâneo. Tudo a condizer com eles!...

Um deles veio de véspera pra cozinha. As mulheres de alguns estiveram na azáfama da cozinha e da sala de jantar. Tão bom ver as mulheres deles a comungar desta alegria!

Dos seus projectos faz parte ajudar os que, lá fora, encontram dificuldades.

Pai Américo foi o sementeiro. A semente lançada não germinou logo, mas a seu tempo brotou e dá testemunho conforme os talentos de cada um.

Muitos vieram. Dois propostadamente dos Açores. Não quiseram faltar. Com as mulheres e filhos encheram a nossa Casa de alegria. Uma autêntica romaria familiar. Juntar à mesa tantos filhos, é a nossa riqueza. Sabê-los aqui e ali colocados na vida, outra alegria que o Pai do Céu nos dá... «Um só que se salvasse, já valia a pena; mas eles são tantos!»

«É tempo de ser esperança/ é tempo de ser comunidade/ é tempo de ser testemunha de Deus/ neste mundo que não sabe amar.» Foi assim cantando que começámos a festa, e em todo o dia repetida dentro de cada um.

À tardinha custou a despedida! Eles não-de tornar...

Ernesto Pinto

Problemas sociais

Cont. da 1.ª página

«tempo propício, tempo favorável» à conversão. Quem dera que os interesses parasitas que se alimentam da destruição dos homens, perdessem voz na cidade do Homem que é o mundo. E se não, que novos e mais humanos conceitos de Autenticidade os calassem de vez.

Padre Carlos

AQUI, LISBOA!

● Anuncia-se a revisão do Código das Estradas. Que venha e depressa, que é indispensável, para bem de todos.

Tem a Igreja, através dos Bispos e dos próprios Papas, apelado para as consciências, individual e colectiva, no sentido de se pôr cobro aos desregramentos existentes nas estradas, no atropelo das mais elementares normas morais e as consequentes desgraças: mortos, estropiados e diminuídos de toda a espécie, para lá das situações, não menos graves, para os familiares dos sinistrados e outros. Poder-se-á afirmar que os «loucos» das estradas cometerão autêntico pecado capital ao por em causa a vida e a integridade de si próprios e dos seus acompanhantes ou de terceiros. Isto para já não referir os aspectos materiais em causa.

Somos dos que entendem como imprescindíveis, na estrada, os Agentes de Trânsito. Aliás, temos por eles o maior respeito e a mais elevada consideração, não só pelos serviços que prestam à sociedade como pelos riscos que correm, não raro o das próprias vidas. Só lhes pedimos compreensão e respeito, porque o exercício da autoridade isso comporta; rejeitando, por outro lado, a visão da caça à multa ou de qualquer tipo de retaliação ou de prepotência. Os agentes da autoridade devem ser, antes de mais, educadores e persuasores, para só depois, em defesa da justiça e no cumprimento das leis, serem punidores. De qualquer modo, supostas as premissas expostas, a autoridade deve ser firme, respeita-

dora e respeitada, sem o que a sua acção se tornará inoperante ou até lesiva dos interesses colectivos.

Os desastres multiplicam-se, sobretudo no Verão e nas épocas de chuva, de neve ou de gelo. A fraca qualidade das estradas, com pisos irregulares e perfis obsoletos, sem bermas capazes ou sinalização conveniente e devidamente visível, são alguns dos factores negativos a considerar. As velocidades excessivas, as cargas a mais e as deficiências mecânicas com que muitos veículos circulam, são outros aspectos a considerar, para não referir o desmedido tráfego e a elevada tonelagem e tamanho dos veículos para os suportes materiais existentes. Urge, pois, uma fiscalização efectiva e capaz para prevenir e conter os desvarios humanos e uma acção material concomitante no sentido de tornar as vias transitáveis. O controle do álcool, a inspecção dos veículos e a sua pesagem frequente, uma presença frequente de brigadas de trânsito nas estradas, preventivas e educativas, serão factores a tomar em conta, se queremos estancar o volume de desgraças que todos os dias são noticiadas ou de que tomamos conta quando circulamos por esse País fora.

Dignificação da Autoridade, munida de meios capazes, atenção ao estado das vias, apelo à consciência cívica dos condutores e dos peões, combate implacável aos inconscientes e assassinos das estradas, eis algumas das medidas susceptí-

veis de minorar uma situação caótica e insustentável, com o seu cortejo de desgraça e de infelicidades. Por nós, podemos garantir que nunca avisaremos ninguém que as brigadas se encontram na estrada, fazendo sinais de luzes. E, já agora, uma sugestão: que as brigadas, ao fazerem operações «stop», não deixem de enviar, num raio de um a dois km, alguns dos seus membros para pesarem os pesados veículos estacionados, com cargas desmedidas, aguardando que tais operações terminem e depois dos condutores terem sido avisados da permanência das autoridades pelos tais sinais de luzes. É que nós somos todos uns «bonzinhos» e, se nada nos afectar, pouco importará que um veículo sem condutor credenciado ou a circular sem o mínimo de condições de segurança, vá, por isso mesmo, causar desgraças a terceiros. Isto para não falar já dos sinais feitos aos ladrões de carros, tantas vezes alertados para a presença daqueles que estão ao serviço da grei, na defesa dos nossos interesses morais e materiais.

● Este País à beira-mar plantado não vai bem... Há sinais, a todos os níveis, que corroboram tal asserção. Para não falar já da tão discutida e privilegiada busca de auto-promoção dos senhores Deputados, eis duas notas, entre outras, bastante elucidativas. A primeira — e ninguém nos irá perguntar como soubemos — refere-se ao espectáculo verificado bem próximo dum gabinete ministerial, onde, no dia do casamento do Príncipe Herdeiro da Inglaterra, foi instalada uma televisão para os senhores Funcionários verem as cerimónias. É triste e lamentável.

A segunda nota, que foi tornada conhecida pelos mais variados meios de comunicação social, refere-se ao juramento de Bandeira conjunto das Unidades da Região Militar do Centro, em Coimbra. Tropas oriundas de Abrantes, Castelo Branco, etc. deslocaram-se à cidade do Mondego para o efeito. Com todo o respeito, embora, não queremos deixar de referir o facto, nesta época de austeridade, em que se nos pede para apertarmos o cinto.

● Terminamos com uma notícia para os antigos Pupilos desta Casa: morreu, no passado dia 1, a «Senhora do Saldanha», amiga da primeira hora e que, até ao fim, não esqueceu os seus queridos gaiatos. Ficareis contentes ao saberdes que a acompanhámos até à sua última morada, no Alto de S. João.

Mulher simples, discreta e afável foi das pessoas que mais nos impressionou na vida. Empregada doméstica duma família respeitável, durante 53 anos, a essa família ficou a pertencer. Senhora no porte e nas maneiras, era conhecida pelos

Rapazes como a «Senhora do Saldanha». Os vendedores de O GAIATO e não só, encontraram sempre nela mais do que uma pessoa carinhosa e atenta, uma verdadeira Mãe. Todos os anos nos entregava um mês do seu ordenado e, nas épocas festivas, nunca se esquecia de nós. Os seus dozes culinários tiveram oportunidade de serem apreciados por muitos de nós. Que o digam, sobretudo, os antigos vendedores. Atacada por doença que não perdoa, apesar do seu estado de debilidade, levantou-se da cama, de propó-

sito, para assistir à Festa no Monumental, no passado 10 de Maio. Muitas vezes dissemos que não éramos merecedores de tamanha dedicação; e ante a sua figura, humilde mas naturalmente senhoril, com frequência nos inclinámos reverentemente no interior do nosso ser. Paz à sua alma e que o exemplo da sua vida, de uma fé viva e operante, não deixe de nos motivar. Um beijo na sua fronte fria foi o nosso e o vosso sinal externo de gratidão e de respeito.

Padre Luiz

Partilhando

□ Vieirinha e Dias são dois irmãos de sangue. A mesma origem, o mesmo destino! Agora, sim... envolvidos no mesmo caso: Um tirava coisas doces das despensas da nossa Casa e guardava-as no armário de um mais velho, cumplice no acto. O outro tirava dinheiro e perfume a um seu colega mais velho.

Na mesma tarde, os dois irmãos encontraram-se. Por acaso... Olharam um para o outro e sentiram-se irmãos até nas veias de sangue que puxam para o mal.

Um subtraía coisas doces à comunidade, o outro roubava a um seu colega. O mesmo acto e duas acções bem diferentes na força da intenção. O segundo sofreu castigo maior como mais velho, mais «corajoso» e menos verdadeiro. O castigo tem sido uma confissão muda do erro da sua inconsciência. Tem sido a força de uma consciência comunitária aberta a reprovar a consciência individualista fechada. É caminhada de justiça e abertura. Será a retomada da consciência perdida. Há-de ser o encontro de si consigo mesmo e com os outros.

É nesta esperança que acreditamos que este agulhão de hoje possa ser amanhã uma taça de beber a alegria por um Homem que se salvou.

□ Ontem fomos visitar o «Penacova» ao Hospital do Monte da Virgem. O que perdíamos se não fâmos, mesmo com o pneu da carrinha quase vazio e com a primeira garagem, a que batemos, sem ar nenhum! O sol era tão quente que não apetecia sair à rua. As pessoas, paradas debaixo das árvores, estendiam-se pe-

las sombras. As crianças, indiferentes ao sol, saltavam no calor da tarde. Encontrámos o «Penacova» estendido na cama, sorridente e mais gordo. Da varanda da camarata entrava o ar fresco dos pinheiros e o cantar dos passarinhos a ajudar a sarar os pulmões.

Da última vez que lá tínhamos ido, viemos tristes. Os médicos animaram-nos e ele desanimou-nos. Ele, muito magro, sem apetite e sem sorriso. Do que lhe dissemos, valeu para ganhar apetite. E, ontem, recebeu-nos com um sorriso de saúde. Era a visita de domingo à tarde. Os meus companheiros eram alguns dos vendedores do jornal.

No regresso a Casa, e ao passar na ponte sobre o rio Douro, vimos incêndios à nossa frente, à retaguarda e ao lado. A Natureza a arder, sem dó nem piedade. Os comentários dos miúdos não tardaram a reprovar aquela desolação. O «Punk», falador e com optimismo, começou assim: — «Eu bem sei o que eles mereciam...» E disse o resto que eu não digo, que o apelido dele é tão bonito que ninguém lho deve mudar para outro mais feio. Outro, que eu já não sei quem era, mas com alma de ecologista: — «Sem as árvores, a poluição vai aumentar e ainda por cima o fumo a poluir mais!...»

Os Homens de amanhã não querem que lhes deixemos o mundo mais poluído. Mas outras poluições lhes iremos deixar, naturalmente ainda mais destruidoras do que aquela. Eles discordam. E vão ser eles os nossos herdeiros, continuadores do Bem ou do Mal que vamos fazendo.

Padre Moura

O nosso Jornal

Os sucessivos aumentos no preço do papel de jornal — e não só — reflectem-se, gravosamente, no custo final de órgãos de informação marginalizados de subsídios neste campo, porque «não são considerados de informação noticiosa geral». Discriminações da lei... No entanto, pode ser que um dia (como já acontece em relação ao porte pago), haja quem reconsidere no valor específico de jornais como O GAIATO — junto da opinião pública.

Em fins de Dezembro de 1980, uma resma de papel custava 833\$29, incluindo o imposto de transacções; custa, agora, 1.074\$44. Em cerca de meio ano, são mais 241\$15 por cada resma!

Onde é que a gente vai parar?!

Concretizando melhor: No mês de Dezembro, em cada edição de O GAIATO gastávamos à volta de 40 contos de papel; neste momento, 50 contos!

Não fosse um certo número de assinantes pontuais — e que dão sem medida — como poderíamos manter a escalada inflacionista?!

Uma das razões principais desta nota é motivar a consciência dos leitores. Muitos, milhares, não cumprem atempadamente o compromisso assumido; pela velocidade do tempo, problemas pessoais ou profissionais. Agora, porém, sendo um tempo de pausa (as férias), para além do factor principal — a leitura — lembrem-se do resto... E evitem que, arrumado o ficheiro de endereços, Fernando Dias haja que mobilizar um grupo para o preenchimento de avisos aos senhores caloteiros. Outra vultosa despesa, nos CTT, que poderíamos evitar...

Júlio Mendes



Gaiato

Director: Padre Telmo
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Chefe de Redacção: Júlio Mendes